



|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS                     |
| <b>Ano</b>        | 2020   |
| <b>Local</b>      | Virtual  |
| <b>Título</b>     | VIOLÊNCIAS ESTATAIS E ADOECIMENTO NO CÁRCERE FEMININO: NA CONTRAMÃO DA REINSERÇÃO SOCIAL |
| <b>Autor</b>      | KARINA LIMEIRA SANTOS  |
| <b>Orientador</b> | MIRIAM THAIS GUTERRES DIAS   |

**AUTORA:** KARINA LIMEIRA SANTOS (Graduanda em Serviço Social - Bolsista Iniciação Científica UFRGS)

**TÍTULO:** VIOLÊNCIAS ESTATAIS E ADOECIMENTO NO CÁRCERE FEMININO: NA CONTRAMÃO DA REINSERÇÃO SOCIAL

Este trabalho discorre sobre dados da pesquisa “Mulheres privadas de liberdade: necessidades decorrentes do uso de drogas e contextos de violência”, sob coordenação do Grupo de Pesquisa Saúde, Gênero e Vulnerabilidade (SAGEV) da UFRGS. A pesquisa objetivou analisar as condições de saúde mental, violências e uso nocivo de álcool e outras drogas em mulheres privadas de liberdade no sistema prisional do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e transversal envolvendo 75 encarceradas. Adotou-se a técnica de entrevistas, através de questionários com escalas validadas, aplicadas com auxílio de tablets. O diário de campo foi utilizado como mecanismo para análise da performance no ambiente prisional. Os resultados e as observações realizadas nas incursões ao campo revelaram inúmeras violações que caracterizam a inconstitucionalidade na execução penal, uma ruptura com o papel do Estado, na qual o mesmo não é capaz de garantir o que está previsto em lei (LEP). Das entrevistadas, 64% não estudam, 62,6% encontram dificuldades em acessar a saúde básica e 76,4% não recebem visita íntima. Para além disso, observam-se outros atravessamentos que corroboram com as violências sofridas pelas presas: estruturas insalubres, sucateadas e de difícil acesso; baixo contingente de agentes penitenciários e também descaso de alguns servidores, criando dificuldades nas movimentações e, por consequência, no acesso aos direitos. O que temos como desenredo dessas múltiplas agressões institucionais é o adoecimento sistemático das encarceradas, evidenciado pelo alto consumo de calmantes e pelo sentimento de ansiedade que foi apontado por 86,7% delas. É mister pensar que os atravessamentos instituídos pelos estabelecimentos penais são totalmente controversos. Além de promoverem desumanização dessas mulheres, retira delas o básico para sobrevivência ao cárcere. A materialidade prisional estraçalha a saúde física e emocional das apenadas, movendo-se em direção ao fracasso da pretendida (re)inserção social.